



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

**“NOIS É ASSIM, MEXEU COM UM, MEXEU COM TODOS<sup>1</sup>”:  
INFÂNCIAS QUILOMBOLAS DE AISHA<sup>2</sup> ENTRE A SEGREGAÇÃO E A  
RESISTÊNCIA**

Luciete de Cássia Souza Lima Bastos  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil  
Endereço eletrônico: lbastos@uneb.br

## **INTRODUÇÃO**

Este estudo descreve parte da pesquisa de doutoramento *Educação: culturas das infâncias e identidades em construção no quilombo Aisha, Caetité-BA/Brasil*, concluída no ano de 2018. O recorte realizado aborda sobre a dupla discriminação sofrida pelas crianças quilombolas ao se deslocarem da escola em seu território para cursar o sexto ano na escola nucleada de Nia. Busquei compreender como as crianças quilombolas de Aisha, município de Caetité/BA- Brasil, fortalecem suas identidades a partir da representação que têm de si mesmas, construída no cotidiano familiar, na comunidade e no espaço escolar da Escola Municipal Maisha<sup>3</sup>, de modo a enfrentar a segregação e o silenciamento a elas impostos na Escola Municipal Paki<sup>4</sup> no distrito de Nia<sup>5</sup>. Ambiente facilitador para o acompanhamento das relações estabelecidas entre eles e, também os adultos com os quais passam a conviver no espaço de ensino/aprendizagem. Indaga sobre as iniquidades que naquele espaço se produz, não apenas por fatores associados à etnicidade, mas também, correlacionados à origem territorial.

A discussão sustentou-se na Sociologia da Infância, que defende as crianças como protagonistas, em oposição à compreensão das concepções tradicionais que as compreendem nos processos de socialização como receptoras passivas do saber que apenas o adulto possui. Agreguei, ainda, as concepções da antropologia da criança que possibilitaram ampliar a questão ao aprofundar a dimensão cultural da infância, buscando nos “fazer capazes de entender a criança e seu mundo a partir do seu próprio ponto de vista” (COHN, 2005, p. 8). Sintetizo o aporte teórico metodológico nos

<sup>1</sup> Discurso de meninos e meninas do quilombo no contexto de Nia.

<sup>2</sup> **Aisha** palavra que significa vida em Swahili, nome fictício para designar a comunidade pesquisada.

<sup>3</sup> **Maisha** palavra que significa vida, nome fictício para designar a escola da comunidade quilombola.

<sup>4</sup> **Paki** palavra que significa testemunha, em Xhosa, África do Sul. Nome fictício para a escola do distrito.

<sup>5</sup> **Nia** palavra que significa desígnio no Suaíli, Tanzânia, nome fictício para designar o distrito.





**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

seguintes termos: etnografia em Geertz (2008); cultura da Criança em Cohn (2013); sociologia da infância em Fazzi (2015); comunidade quilombola, identidade em Oliveira (1976) e educação em Gusmão (2017). Consoante a essas reflexões, algumas questões se impuseram: Como as crianças da escola de Paki veem as crianças da escola de Maisha? Em que termos o relacionamento entre essas crianças ocorre? Como as crianças quilombolas se percebem? Como a escola recebe os novos estudantes? Existe preconceito e/ou discriminação nesse espaço institucional?

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com base etnográfica, por mostrar-se mais apropriada à investigação, por sua capacidade de aprofundamento teórico/metodológico. Descreve a investigação realizada durante o percurso de ônibus entre a comunidade e a escola nucleada e, também, a observação de aulas, em diferentes turmas nas quais estudam os remanescentes quilombolas. Além da observação e da audição das crianças com anotações no caderno de campo, também utilizei a roda de conversa como instrumento desta pesquisa. Nessas atividades, as crianças foram observadas, ouvidas sobre os sentidos/significados que atribuíam ao contexto e às relações ali estabelecidas, o que possibilitou uma descrição densa e interpretativa das dinâmicas dessa infância no espaço da escola municipal nucleada Paki. Os resultados apontaram que ambos os grupos compartilham a pobreza, a discriminação pela cor da pele, a exclusão social e a ausência de políticas públicas efetivas, mas tais similaridades não evitam que as crianças do novo ambiente escolar discriminem as crianças de Aisha. A origem territorial, que dá identidade e promove a resistência dessas crianças, é também motivo de segregação.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Em minha pesquisa constatei algumas situações de discriminação e invisibilidade. A primeira diz respeito ao tratamento recebido pelos alunos de Maisha no espaço escolar nucleado, para tanto cito alguns exemplos. Segundo os professores, “chegam sem saber ler”, “não sei como conseguiram aprovação”, “são desatentos e não respondem a questionamentos”; abordam as crianças de forma agressiva, apontando com o dedo aqueles que consideram “um fracasso” segundo suas avaliações. Expõe as





**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

crianças constantemente: “A professora lê alto os bilhetes da nossa mãe na frente de todo mundo, o jeito é abaixá a cabeça e quetá prá não ficá pior”. Os estudantes respondem aos questionamentos sussurrando e, às respostas, seguem depreciações: “desatento e desinteressado”, “não tem jeito pra vocês não”, “Se enxerga menina”, “Vocês de Aisha agem igual à criança, abestados”, “Senta lá menina nojenta”, “Vocês são uns burros”, “Não sabem ficar de boca fechada?”. Frente a esta situação, as crianças resistem como podem: “Aí nós tapa a boca com a mão pra ela ver que não é nós que tá falando”.

Nas diferentes aulas e turmas, esses alunos são desrespeitados e/ou humilhados, silenciados e/ou invisibilizados. Tal invisibilidade denuncia o silenciamento das escolas em relação às temáticas que envolvem as populações negras, em geral, e as populações remanescentes, em particular. O pesquisador, Luiz Alberto Gonçalves, escreveu sobre a discriminação que se “legitima na instituição escolar, não por aquilo que é dito, mas por tudo aquilo que silencia.” (GONÇALVES, 1985, p.27) E, também, nos alerta sobre o ritual pedagógico que exclui tais temáticas dos seus cotidianos. Posso afirmar que a escola possui um ritual pedagógico que silencia a diversidade das culturas de seus alunos, bem como de suas comunidades de origem. Os professores acreditam no mito da democracia racial e não se dão conta de que, ao silenciarem, são coniventes e até ratificam atitudes racistas no cotidiano escolar. Por esta razão, “o entendimento conceptual sobre o que é racismo, discriminação racial e preconceito, poderia ajudar os educadores (as) a compreenderem a especificidade do racismo brasileiro e auxiliá-los a identificar o que é uma prática racista (...)” (GOMES, 2005, p. 148)

Na segunda situação, logo compreendi que a ideia de me deslocar com eles promoveu profícuas rodas de conversa. Os estudantes narraram que, desde o princípio, as outras crianças não se aproximaram: “não fazia grupo com a gente”; e os insultos preconceituosos geravam muitas brigas entre eles: “café azedo”, “tostadinha” “Aisha só tem gente doida”, “bicho de coco”, “rola bosta”, “pé lascado” “cabelo espetado que nem bucha”, “boca ruída”, “fedô de mijo”, “Subaquera”, “feiosa”, “porco”, “fedido, fedô”, “Bicho de porco”, “negô da Aisha”, “pretão dentuço”, “nega cabeluda”, “não presta pra nada”, “vão comer capim cambada de burro”. Sobre o Programa Mais Educação: “Eles falam que nós gosta do Mais Educação só pra comê, que nois é morto de fome”. Não foi difícil compreender o quanto aquelas expressões racistas e preconceituosas afetavam





**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

a autoestima das crianças. Rita de Cássia Fazzi (2015) corrobora com meu pensamento, ao afirmar que “[...] a criança aciona e experimenta essas noções [raciais] em suas relações com outras crianças, e como aprende o que significa ser de uma categoria racial ou de outra (...)” (FAZZI, 2015, p.243) As interações das crianças com seus pares são tão relevantes, quanto àquelas estabelecidas entre elas e outros agentes socializadores.

A terceira situação deu-se numa discussão, com ofensas mútuas, entre os remanescentes dentro do ônibus: “preta rapariga”, “narigão”, “Olha o nariz desse pivete”, “Ô negô feio”, “menino fedorento”, “tanajura preta”, “subaco preto cabeludo”, “zoio remelento” para citar algumas. Substituí o choque inicial pela compreensão de que as ofensas são resultado da aprendizagem realizada em ambientes racistas e discriminatórios, a exemplo da escola que frequentam.

Na quarta situação, reconheço que a escola Paki é uma escola de/e para brancos. Neste ambiente, percebo a resistência dos remanescentes frente às injúrias recebidas. Numa força que lhes é própria, têm um discurso em comum: “Nóis é quilombola” e “Fez com um feiz com todos”. As crianças de Aisha percebem-se quilombolas, por se apropriarem do discurso de pertencimento e autoafirmação no território, principalmente entre os pares, elas respeitam a tradição, os valores, a religião e os saberes dos mais velhos, as práticas culturais e agenciam os seus próprios saberes constituídos na vivência cotidiana, pela observação do fazer. Essas identidades, assim constituídas, podem fortalecer/enfraquecer conforme os lugares que as crianças venham a frequentar. Fortalecem em espaços em que são reconhecidas, aceitas e respeitadas e enfraquecem onde são alvo de discriminação e preconceitos. A criança deseja aprender para ser aceita e aprovada pelos adultos, mas é também pelo saber que ela passa a conhecer melhor o mundo à sua volta. “O acesso ao saber é, assim, o caminho pelo qual crianças e adultos se tornam capazes de entender o mundo em que vivem, compreendendo suas contradições e seus limites” (GUSMÃO, 2012, p. 171).

As crianças têm consciência de que o tratamento que recebem não é decorrente apenas da cor de suas peles, mas também são inferiorizadas por sua origem. Reportando a Roberto C. de Oliveira (1976, p. 6) “[...] através dos nossos valores não julgamos apenas os valores dos outros, mas os outros”. Pensar as crianças de Aisha na escola de Nia é pensá-las, também, na dimensão político-social e econômica, pois o preconceito, a discriminação e o racismo, aos quais essas crianças são submetidas, são ancorados pelo





**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

sistema neoliberal, capitalista e eurocêntrico que sustenta uma hierarquização histórica entre os possuidores de pele negra, quilombolas e pobres subalternos aos brancos.

## CONCLUSÃO

Os resultados obtidos apontaram para dificuldades de relacionamento entre as crianças do quilombo e os docentes, e entre elas e as crianças de Nia decorrentes do preconceito. Constatei que, em momento de enfrentamento, as crianças de Aisha usam expressões preconceituosas entre si, resultado de uma educação forjada pelo pensamento eurocêntrico, colonizador, intolerante e racista com o qual vêm sendo formadas. Os professores, embora afirmem ser promotores da igualdade racial, na prática, demonstram não estarem preparados para enfrentar situações cotidianas de discriminação, segregação, espoliação e marginalização, porque são crias dessa mesma escola e, portanto, veiculadores/coniventes, agem de modo a reforçar tais situações.

Constatei, ainda, que as crianças remanescentes são agentes de culturas infantis singulares à Aisha, identidades construídas no território, do qual se apropriam e nas interações ali estabelecidas. E, embora portadores de uma identidade cambiante noutros espaços, eles resistem aos ataques preconceituosos a que estão expostos: “Nóis aqui é quilombola, é sim” e “Nois é assim, mexeu com um, mexeu com TODOS!”

**PALAVRAS-CHAVES:** Infâncias de Aisha; Identidades; Segregação; Resistência.

## REFERÊNCIAS

COHN, Clarice. Concepções de infância e infâncias: um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. **Civitas**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 221-44, maio/ago. 2013.

FAZZI, Rita de Cássia. Sociologia da infância: reflexões metodológicas da pesquisa com crianças. In: PARENTE, Cláudia da Mota Darós; VALLE, Luiza Elena L. Ribeiro do; MATTOS, Maria José Viana Marinho de. (Orgs.). **A formação de professores e seus desafios frente às mudanças sociais, políticas e tecnológicas**. Porto Alegre-RS: Penso, 2015.

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC/BID/UNESCO, 2005.

GONÇALVES, Luiz Alberto. **O silêncio**: um ritual pedagógico a favor da discriminação racial. (um estudo acerca da discriminação racial como fator de seletividade na escola pública de primeiro grau – 1º a 4º série). 1985. Dissertação





**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

(Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1985.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. Olhar viajante: Antropologia, criança e aprendizagem. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 161-178, maio/ago. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v23n2/a11v23n2.pdf>. Acesso em: 2 maio 2017.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.



**DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**